

ANÁLISE PSICOLÓGICA E FENOMENOLÓGICA SOCIAL DO ROMANCE O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ

Psychological and social phenomenological analysis of the novel *The fifteen*, by
Rachel de Queiroz

Análisis psicológica e fenomenológica social de la novela *El quince*, de Rache de
Queiroz

Paulo Coelho Castelo Branco
Universidade Federal da Bahia

Miguel Mahfoud
Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Analisamos o romance “O quinze”, de Rachel de Queiroz, em uma perspectiva psicológica e fenomenológica social que estabelece essa obra literária como recurso de elaboração da cultura cearense. Teorizamos o mundo-da-vida em sua vinculação com a cultura, pelas dimensões do cotidiano, do senso comum e da memória. Posteriormente, utilizamos a teoria para investigar “O quinze”, com base nos aspectos compreensivos do fenômeno da seca como elemento significativo de pertencimento a um grupo, da emigração do sertanejo e da fé na chuva. Concluímos que a perspectiva aludida pode se estender para outras produções literárias, representativas do munda-da-vida e da cultura cearense, como a lenda de Iracema e a figura do jangadeiro.

Palavras-chaves: Cultura; Fenomenologia; Literatura; Memória; Psicologia e Literatura.

Abstract

We analyze the novel "The Fifteen", by Rachel de Queiroz, in a psychological and social phenomenological perspective which establishes this literary work as elaboration resource of the culture from Ceará. We theorize about life-world in its relationship with the culture, by the dimensions of daily life, common sense and memory. We use the theory to investigate "The Fifteen", based on comprehensive aspects of drought as a significant element of belonging to a group, of a person's emigration and of the faith in the rain. We conclude that the alluded perspective may be extended to other literary productions representatives of the life-word and culture from Ceará, such as Iracema's legend and the raft sailor figure.

Keywords: Culture; Phenomenology; Literature; Memory; Psychology and Literature

Resumen

Hemos hecho el análisis de la novela “El quince” de Rachel de Queiroz en una perspectiva psicológica e fenomenológica social que establece esa obra literaria como recurso de

desarrollo de la cultura del pueblo cearense. Hemos teorizado el mundo-de-la-vida en su vinculación con la cultura, por las dimensiones de lo que es diario, del sentido común y de la memoria. Después, utilizamos la teoría para investigar “El Quince”, sobre la base en los aspectos comprensivos del fenómeno de la sequía como un elemento expresivo de sentirse pertenecido a un grupo, de la emigración del ‘sertanejo’ y de la fe en la lluvia. Llegamos a conclusión de que la perspectiva citada puede extenderse a otras producciones literarias, representantes del mundo-de-la-vida y de la cultura de los cearenses, como la leyenda de Iracema y la imagen del jangadeiro.

Palavras-chaves: Cultura; Fenomenología; Literatura; Memoria; Psicología y Literatura.

lam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... lam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno... (Queiroz, 1930/2004, p. 120).

INTRODUÇÃO

Este artigo, de cunho ensaístico e teórico, propõe pensar o romance *O quinze* de Rachel de Queiroz (1930/2004) como recurso de elaboração das ideias relacionadas à seca que perpassam o mundo-da-vida e a cultura cearense. *O quinze* foi escolhido para esta investigação por consideramos que ele retrata o sentido de uma cultura regional, no caso a cearense, cujas dimensões se tornam presentes em seus personagens. Essa proposição parte, ainda, de um compromisso do autor deste artigo em relação ao entendimento dos elementos que compõe o *ethos* cearense. Entendemos *ethos*, segundo Vaz (2000), como uma morada cultural habitada por costumes e valores que ocasionam a elaboração de variados sentidos e atos que caracterizam uma pessoa e um povo. Essa morada se manifesta a partir de tradições e hábitos que se atualizam nos acontecimentos que perpassam uma comunidade. Isso implica uma capacidade volitiva de escolhas diante de um evento, neste caso à seca.

Rachel de Queiroz se insere no ciclo do romance nordestino, entendido por nós como um *Zeitgeist* literário desenvolvido nas décadas de 1920 e 1930, que contou com outros ilustres representantes, como: José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Além disso, o livro *O quinze* se estende como referencial nacional da cultura cearense (Queiroz, 1930/2004).

Cabe ressaltar que outras apreciações (Fanini, 2010) foram tecidas em relação à vida e obra de Rachel de Queiroz, devido a sua importância ao ser consagrada como a primeira mulher a ingressar a Academia Brasileira de Letras, em 1977. Em especial,

salientamos que o romance *O quinze*, não raro, foi alvo de enaltecimentos e críticas em suas querelas socioculturais e leituras relacionadas às questões de gênero e feminismo (Philadelfio, 2003). Deveras, o presente trabalho se trata de mais uma leitura do romance aludido, todavia busca se singularizar em uma opção por analisá-lo segundo uma perspectiva que enfoca os sentidos da seca, apreendidos pelos autores conforme um esteio de inspiração flexível aos aportes oriundos do campo da Psicologia e da Fenomenologia Social inspirada pelos aportes Alfred Schutz.

Embora *O quinze* seja considerado um romance ficcional que aborda uma das grandes secas do Ceará, ocorrida em 1915, a obra constitui igualmente uma fonte de memórias da autora, que vivenciou esse período de miséria e emigrou, em 1917, para o Rio de Janeiro.

Tendo em vista cumprir o propósito do artigo apresentamos, em seguida, os aportes conceituais que nos serviram como lentes analíticas. Posteriormente, nos debruçamos sobre o romance *O quinze*, elucidando algumas ideias presentes na cultura cearense, apreendidas pela leitura da obra. Entendemos que essa obra retrata uma elaboração de sentido que demarca o posicionamento de Rachel de Queiroz (1930/2004) diante do fenômeno da seca. Sobre a relação da romancista com a seca, entendemos que,

O sentido de uma experiência ou de uma ação surgiu no trato consciente e 'solucionador de problemas' do indivíduo com seu meio ambiente natural e social: 'em qualquer lugar', 'em qualquer tempo'. Uma vez que a maioria dos problemas, com os quais se defronta o indivíduo, também se coloca tipicamente na vida de outras pessoas, as 'soluções dos problemas' são relevantes não só subjetiva, mas também intersubjetivamente (Berger & Luckmann, 1995/2004, p. 18).

Deste modo, *O quinze* versa a produção cultural que emerge de uma estrutura histórica dotada de um reservatório social de sentidos ao contexto cearense. O acesso disso implica o entendimento comum dos indivíduos de um grupo sobre o ambiente natural e social da época. Embora esse reservatório de sentidos nem sempre seja sistematizado, ele denota uma estrutura comum que demarca as facetas da realidade cotidiana, que pode ser apreendida em termos científicos.

Compreender os sentidos estruturais presentes no romance mencionado possibilita, por conseguinte, adentrar uma forma ampla de extratos superiores de sentido que compõe os costumes cearenses daquela época. Entendemos, assim, que o romance *O quinze* emana fundamentos de significância da experiência humana que retratam o mundo-da-vida (Schutz, 1970/2012) do nordestino-cearense, com características que perpassam as

dimensões do cotidiano (Schutz & Luckmann, 1932-1959/1973; Pinheiro, 2007), do senso comum (Geertz, 1983/1998) e da memória (Halbwachs, 1950/2006; Pollak, 1992; Mahfoud, 2001, 2003), presentes em uma cultura (Ales Bello, 1997/1998; Massimi, 2006) perpassada pelas intempéries da seca. Aprofundamos, em seguida, o entendimento dessa sentença teórica permeada de conceitos inter-relacionados.

ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS PARA APREENSÃO DOS SENTIDOS ESTRUTURAIS DA SECA EM O QUINZE

Alfred Schutz (1970/2012), ao aderir o pensamento fenomenológico de Edmund Husserl, estabelece a experiência como contato contíguo do humano com a realidade dotada de fenômenos. A experiência é constituída e orientada pelos sentidos que já estão disponíveis e circulando no mundo. Com base nisso, cada pessoa constitui uma experiência subjetiva de construção da realidade, que compartilhada desempenha o mundo social. Fenômenos estereotipados e partilhados, como objetos, pessoas, ideias e acontecimentos, possuem uma existência que se manifesta na singularidade de cada indivíduo. No pensamento de Schutz (1970/2012),

O 'mundo da vida cotidiana' deve ser considerado como o mundo intersubjetivo que já existia muito antes do nosso nascimento, que já foi experimentado e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado. Toda interpretação sobre esse mundo é baseado no estoque de experiências prévias a seu respeito, nossas próprias experiências e aquelas transmitidas a nós por nossos pais e professores que, sob a forma de um 'conhecimento à mão', opera como um esquema de referência (p.84).

O mundo-da-vida é a matriz de sentidos em que reside o segmento que nos possibilita saber que há uma subjetividade no mundo. Embora tal matriz vincule todos os seus indivíduos em uma estrutura comum, a modalidade de elaboração dos conteúdos dessa manifestação varia em cada cultura. Todavia, qualquer que seja o conteúdo cultural, há sempre um sentido compartilhado, pois o mundo individual é também intersubjetivo.

No mundo-da-vida ocupamos um ambiente físico e sociocultural, vivenciado por nós biograficamente (Schutz, 1970/2012). Nele colocamos em relevo um substrato pessoal em que a experiência se estrutura em uma realidade social já existente. Deste modo, o mundo-da-vida é cenário e objeto de nossas experiências.

Nesse plano de ação no mundo, de acordo com o pensamento de Massimi (2006), a cultura seria um campo de significados que pertence ao mundo-da-vida e precede as construções e elaborações científicas, por ser um “(...) domínio das modalidades de manipulação da realidade que os homens criam orientados por projetos e critérios de juízo dentro de um horizonte global” (p. 180). Segundo Angela Ales Bello (1997/1998), a cultura fornece elementos para a elaboração dos sentidos da experiência. No pensamento dessa autora, cultura alude à atitude de “(...) manipular a realidade orientado por um projeto que determina uma produção de novos objetos junto com aqueles da natureza, objetos que possuem uma própria finalidade e são construídos conforme uma perspectiva que remete a uma mentalidade particular” (p.41).

Podemos identificar, pois, diversas expressões culturais como produção humana, sejam elas populares, mitológicas, teológicas, filosóficas ou científicas. Destarte, a cultura estaria na elaboração da experiência desde a sua origem; e, pela via do mundo-da-vida – que tem como componentes as dimensões do cotidiano, do senso comum e da memória – podemos encontrar uma via de acesso à cultura.

No que concerne à dimensão do cotidiano, Alfred Schutz e Thomas Luckmann (1932-1959/1973), dissertam sobre a existência de um mundo social que não está dissociado da dimensão subjetiva do ser humano, pois esta é perpassada por aquela. Existem estruturas sociais que são anteriores ao indivíduo, mas também são criadas e podem ser modificadas por ele em seus campos de ação. Nesse aspecto reside o cotidiano, entendido como uma província de significados que estão imersos em uma estrutura social. Das provocações desse contexto emergem a possibilidade da pessoa manifestar seu posicionamento (juízos) em um mundo social e estruturar a realidade.

Cada grupo social possui um caráter de conhecimento prático que confere a todos os indivíduos um modelo de interpretação do mundo que resiste ao tempo e é válido para eles. Isso permite uma coerência interna para todos compreenderem algo e serem compreendidos (Pinheiro, 2007). Nesse padrão interpretativo corriqueiro reside o senso comum, uma forma elementar de relação com o mundo que resgata o conhecimento diretamente pela experiência, sem passar por reflexões mais elaboradas (Geertz, 1983/1998). Uma abordagem analítica do senso comum precisa, pois, “(...) iniciar-se por um processo que reformule esta distinção esquecida entre uma mera apreensão da realidade feita casualmente (...) e uma sabedoria coloquial, com pés no chão, que julga ou avalia esta realidade” (Geertz, 1983/1998, p. 115). Salientamos que as dimensões do cotidiano e do senso comum não teriam tal repercuto social entre os indivíduos de um grupo caso não houvesse a dimensão da memória.

Maurice Halbwachs (1950/2006) estabelece que a memória advenha de acontecimentos que ocorrem no nível da vivência pessoal e, igualmente, são vividos

socialmente por um grupo à qual a pessoa pertence. Há, então, uma herança que ocorre por meio da projeção e identificação de um passado. Nesses atos, a memória se demonstra seletiva e apresenta personagens que pertenceram, ou não, ao espaço-tempo memorado. Tais personagens alocam-se em um lugar em que a ação se arrola em termos de lembranças. Por essas características, Michael Pollak (1992) argumenta que a memória é um fenômeno social e individual, constituinte do sentimento de identidade social e individual.

No mesmo esteio de Halbwachs, Miguel Mahfoud (2003) entende a memória como uma confluência da história de um grupo e da história de uma pessoa. Para o autor, a memória é um processo que localiza imagens mentais e as organiza em quadros sociais. De acordo com a permanência e a afeição do que é produzido desse processo, em termos de lembranças, cria-se uma identificação, social e individual com o que é lembrado. Conforme o entendimento de Mahfoud (2003), concerne a memória o

(...) trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si. É reconhecimento, na medida em que porta o 'sentimento do já visto'. É reconstrução, por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro lado, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais (p.134).

A memória não se restringe ao conteúdo recordado, pois é uma ação capaz de acessar a vivência de um passado no tempo presente. Para além de um ato retentivo e recordativo da consciência, a memória é uma capacidade de (re)elaboração da experiência (Mahfoud, 2001). Nessa ação existe uma experiência do eu e nós, um sentimento de pertencimento a uma comunidade. A memória é, portanto, uma vivência que vai além do fluxo contínuo natural do tempo (Halbwachs, 1950/2006).

Consideramos, destarte, que a pessoa, embebida pelas dimensões do cotidiano, do senso comum e da memória, posiciona-se em um mundo-da-vida (histórico) que lhe perpassa e possibilita ferramentas (sentidos) para a elaboração de uma experiência subjetiva e a produção de uma cultura. Argumentamos que essas ferramentas (articulações) conceituais possibilitam operar um contato com os sentidos estruturais da relação do povo cearense com a seca, pela leitura da obra *O quinze*.

Estabelecido esse pensamento, ressaltamos que *O quinze* possui uma narrativa onisciente a diversos personagens que vivenciam – cada qual ao seu modo – o impacto da

seca em Quixadá, cidade situada no sertão agreste do Ceará. O ano de 1915 denota um período de extrema escassez de chuvas e estiagem. A estação é de grande dispersão do sertanejo cearense pelas capitais brasileiras. Pautada por uma escrita que narra os dramas da seca na linguagem coloquial da época, Queiroz (1930/2004) nos fornece elementos para compreender os laços intersubjetivos que permeiam a cultura cearense sob os prismas da seca, da emigração e da fé, aprofundados em seguida.

A SECA COMO ELEMENTO SIGNIFICATIVO DE PERTENCIMENTO A UM GRUPO

Luís da Câmara Cascudo (2006, p. 88) nos conta, em uma narrativa mítica, a origem da seca no Ceará. Segundo ele, o fenômeno tem como causa o desentendimento dos cearenses com o Santo Bom Jesus. Mal recebido e expulso do Ceará pelos seus habitantes, ao ser colocado em uma jangada em direção a Portugal, Bom Jesus sentiu-se ofendido, pois os cearenses não o muniram de nenhuma reserva de água. Em alto mar, o Santo profetizou a seguinte maldição: “– Sim, Cearenses ingratos e maus; vocês também não terão água quando tiverem sede”. O vento leste que soprava sobre a jangada levou tal impreciação para o Ceará e, assim, começou a seca.

O drama da seca é um fenômeno presente no mundo-da-vida e na cultura sertaneja dos personagens de Queiroz (1930/2004). Cada qual responde a mesma provocação (realidade) de modo singular e com drama próprio que, não raro, entrecruza-se com a tragédia alheia. Mãe Inácia é dona de uma fazenda localizada nos arredores de Quixadá. Após muitas ponderações é persuadida, por sua sobrinha Conceição, a sair de suas terras para aguardar no litoral cearense o pior da seca passar. Vicente, vaqueiro de boa condição e filho de Mãe Inácia, opta por permanecer na fazenda e cuidar dos bois, pois constata que o retiro será fatal aos animais. Chico Bento é um pobre vaqueiro. Com ordens da patroa ele é obrigado a abrir as porteiras da fazenda e soltar as reses para o destino duvidoso. Sem trabalho e sustento, Chico Bento junto com sua esposa Cordulina e seus cinco filhos peregrinam para o mesmo fado incerto dos bois. Conceição, professora de posição feminista além da época, escolhe cuidar dos retirantes da seca no campo de concentração logrado em Fortaleza. Com vocação para ser titia, ela é madrinha de um dos filhos de Chico Bento, compadre de sua família.

A seca é o acontecimento comum a todos os personagens descritos. Como fenômeno compartilhado pelo mundo-da-vida deles, a seca fornece elementos que constituem uma significação subjetiva de pertencimento a um grupo (Schutz, 1970/2012). Vicente ajuda Chico Bento a obter capital para a sua emigração, ao comprar um boi debilitado pelo valor acima do real. Conceição ajuda Mãe Inácia, hospedando-a em sua casa, e auxilia Chico Bento no campo de concentração dos refugiados sertanejos.

A cumplicidade se torna uma característica cotidiana desses personagens. Por exemplo, mesmo em condição miserável, ao encontrar outros retirantes em situação semelhante de fome, Chico Bento divide sua reserva de jabá.

E o bode sumiu-se todo...

Cordulina assustou-se:

– Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:

– Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não havera de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (Queiroz, 1930/2004, p. 45).

Essa situação pode ser descrita com base em um sentimento de pertencimento e compartilhamento de vivências e interesses em comum. A cultura popular cearense é lugar de acolher quem precisa, pois todos estão sobre o mesmo solo. Na perspectiva de constituição dessa identidade social, a territorialidade cearense se torna fator de afinidades recíprocas (Schutz, 1970/2012).

A DIÁSPORA SERTANEJA: O DRAMA DA EMIGRAÇÃO

O romance *O quinze* (Queiroz, 1930/2004) aponta para a observação da existência de um sentimento de que, fora das cercanias das terras vernáculas, todos ainda são cearenses e carregam seus laços com a terra e o povo. O deslocamento territorial na busca de melhor condição de vida, destarte, é algo presente na cultura cearense. Exemplifiquemos: Chico Bento e sua família se tornam retirantes da seca. Em busca de trabalho e terra boa, o vaqueiro decide ir para a Amazônia. Entretanto, precisa ir caminhando de Quixadá para Fortaleza (aproximadamente 170 km de distância) e pegar uma condução para Manaus. No caminho passa fome, um filho morre (por desespero desenterra e come uma mandioca sem o trato adequado para retirar o seu veneno) e o outro se perde e não é mais encontrado. Quando Chico Bento chega ao campo de concentração para os refugiados da seca em Fortaleza, comadre Conceição o encontra e lhe pede o afilhado a fim de criá-lo e fazer dele um futuro de doutor. Chico Bento aceita o pedido da comadre e, posteriormente, descobre que São Paulo oferece mais condições de prosperidade e vai com o que resta da família para o sudeste, graças à bondade financeira de Conceição.

A decisão inicial de Chico Bento de emigrar para o norte, atravessando a seca do agreste cearense, implica em uma conduta investida de significados (Schutz, 1970/2012) que alude uma memória coletiva presente na cultura cearense da época. Essa conduta

remete ações embebidas de costumes diante da seca. Ora, segundo os registros históricos do Ceará, de 1889 a 1916, minutou-se a migração de um grande número de cearenses que foram buscar no ciclo da borracha da Amazônia uma melhor condição de vida. Havia o imaginário popular da região norte como uma terra próspera, devido às suas chuvas diárias, rios e vegetações abundantes (Lacerda, 2006). Essas impressões contribuíram para a constituição da ideia de que o norte é a terra abençoada e o sertão cearense é um lugar castigado, como foi mencionado no mito da seca narrado por Cascudo (2006). Não foi por acaso, portanto, a motivação inicial de Chico Bento em emigrar para a Amazônia.

A emigração para a cidade grande é repleta de tensão, pois, de um lado, há um afastamento da tranquilidade e do bucolismo interiorano; por outro lado, transporta à afirmação da terra, sua cultura e recordação das belezas naturais. Como uma transgressão àquela época, vale ressaltar que a situação narrada por Queiroz (1930/2004) aponta, ainda, para os mecanismos políticos que se valiam da seca para conseguir controlar, em campos de concentração, uma massa de moribundos e desafortunados pela seca, para manter o *status quo* burguês que não suportava tal realidade nas ruas fortalezenses. Não à toa, o incentivo a emigração para outros estados. Aos que ficavam, restava reiniciar a vida se submetendo a condições de trabalho opressoras e desalojadas da vida no sertão.

No percurso migratório, a busca por trabalho honesto e a dignidade da recusa de pedir esmolas é um dos únicos motivos de orgulho para Chico Bento, que conta apenas com o trabalho e o que lhe é oferecido como ajuda. A cantiga apresentada a seguir, retrata bem uma premissa popular (senso comum) presente no caráter do vaqueiro cearense (Queiroz, 1930/2004).

No céu entra quem merece
No mundo vale que tem...
Eu como tenho vergonha
Não peço nada a ninguém...
Que me parece quem pede
Ser cativo de quem tem... (p. 114)

O drama da emigração consiste em saber de onde se parte, no entanto desconhecer onde se vai parar. Entendemos a emigração como uma vivência de abertura para o desconhecido, em que o indivíduo se afasta de uma situação biográfica e socioculturalmente estabelecida para destacar seu substrato pessoal e coletivo em outro mundo-da-vida e cultura (Schutz & Luckmann, 1932-1959/1973; Schutz, 1970/2012).

A cantiga anteriormente citada alude que, durante o ato de emigrar, existe o senso comum do trabalho como algo honroso. Nesse ato, a pessoa defronta com diversas ocasiões que geram, no cotidiano, a possibilidade de imprimir uma tipificação pessoal e cultural (própria do cearense) que a caracteriza no mundo-da-vida em que ela se encontra. Chico Bento teve a oportunidade de mendigar e roubar, no entanto respondeu à provocação de cada ocasião de um modo apropriado ao cântico exposto e conveniente ao desafio pessoal de não se desonrar em seu trajeto.

Pelo contubérnio da comadre Conceição, madrinha do filho de Chico Bento, destacamos esse fenômeno como um costume da cultura sertaneja. Os termos “padrinho” e “madrinha” têm as respectivas significações de “segundo pai” e “segunda mãe”. Estes, por tradição, devem oferecer resguardo ao afilhado em caso de necessidade e não requerem, necessariamente, vínculos consanguíneos para serem eleitos (Barros, 2008).

A FÉ E A ESPERANÇA NA CHUVA

Delineados em um cotidiano de novenas, festas sagradas e alegria de viver, mesmo diante do flagelo da seca, a cultura sertaneja é repleta de fé. Em especial, a fé na chuva é um elemento bastante presente no cotidiano do sertanejo cearense (Martins, 2006). Percebemos isso no início do livro de Queiroz (1930/2004), mencionado a seguir.

Depois de se benzer e beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu:

– ‘Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém’.

Vendo a avó sair do quarto, Conceição (...) interpelou-a:

– E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

– Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (p.11)

Viktor Frankl (1948/2007) estabelece a fé como um horizonte de sentidos mais elevados que se manifestam em outro plano que não o cognoscível. Conquanto a fé não seja completamente inteligível, não queira dizer que ela seja desprovida de significados e não possa ser compreendida. Conforme o logoterapeuta, a fé não subtrai dados da realidade, pois acrescenta uma existencialidade a ela. A fé na chuva produz o sentido do

retorno de algo bom para o povo cearense. Mesmo com a emigração para Fortaleza, Dona Inácia não perdeu a fé na chuva, orando todos os dias para São José e pela proteção dos desafortunados pela seca. A fé na chuva implica em uma atividade de espera pelo retorno dos dias mais prósperos de clima bom e terra fértil. Na ausência dessa espera incorre o desespero, uma atitude de não mais esperar e agir (Comte-Sponville, 2000/2005), como fez Chico Bento ao se tornar um retirante da seca. O desespero, igualmente, fez Vicente continuar na fazenda, resistindo à seca e trabalhando no puro desânimo de observar o seu esforço se inutilizar diante do sol e da falta d'água.

A oração, o trabalho rural e a observação dos sinais da terra e dos animais fazem parte do cotidiano, senso comum e memória dos sertanejos. Em específico ao mundo-da-vida quixadense, ocorre a cultura dos profetas da chuva, pessoas dedicadas ao ofício de previsão da chuva (Martins, 2006). Com tamanha fé e confiança nesses adivinhos, o município de Quixadá adquiriu contornos culturais mais instituídos ao nomear uma data do ano como o Dia dos Profetas da Chuva. Nesse aspecto, a cultura do sertão cearense é perpassada pela fé e esperança na chuva, pois esta traz os refugiados da seca de volta para a terra natal. “Enfim caiu a primeira chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse um bom começo” (Queiroz, 1930/2004, p. 139).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distante de esgotar todas as interpretações possíveis à obra *O quinze*, constatamos que a leitura desse texto nos provoca uma experiência de entendimento do mundo-da-vida e da cultura cearense, em suas dimensões do cotidiano, do senso comum e da memória. Rachel de Queiroz presta grande contribuição à Psicologia, ao fornecer subsídios para acessarmos algumas ideias estruturantes da cultura cearense. Tais aportes são evidenciados nos costumes e ações dos personagens da obra, que lançam ao mundo uma expressão que retrata a relação do sertanejo com a seca, a emigração e a fé na chuva.

Destacamos que o romance *O quinze* está repleto de vivências da autora e de todos os retirantes que continuam a vagar pelas terras brasileiras em busca de melhores condições de vida. Mesmo com os atuais avanços tecnológicos e políticos de combate à seca, a memória desse fenômeno é algo presente no quadro social cearense. Embora tais políticas atenuem os impactos da seca, por questões de ascensão social e estabilidade econômica, a emigração permanece presente nas experiências de muitos cearenses dispersos pelo Brasil e Mundo, ocasionando alguns jargões (senso-comum) como “Os cearenses vão dominar o mundo” ou “Em todo canto tem um cearense”.

Salientamos que a Psicologia e a Literatura estão imersas em um mesmo terreno compartilhado de mundo, que é cultural. Nessa perspectiva, surgem diversas formas de conhecimento que abordam os mesmos interesses e preocupações da vida, respondidos em horizontes de sentidos diferentes. As implicações da leitura de Queiroz nos chamam atenção quanto à importância da relação entre os saberes psicológicos e literários, pois essa acuidade torna o psicólogo mais sensível aos dramas humanos (Freire, 2008).

Para finalizar, consideramos que essa perspectiva de estudo pode, ainda, se estender para outras produções culturais. Apontamos, por exemplo, o romance literário *Iracema* de José de Alencar, que narra a lenda da gênese do Ceará com base no encontro dos portugueses com os índios. Outro exemplo, com menos produção literária – porém não menos importante –, está na figura do jangadeiro cearense e sua relação com o mar. Ambas as ideias exemplificadas fornecem uma compreensão de outros aspectos da cultura e da subjetividade do povo cearense, não restritos somente ao quadro social da seca. Tais sugestões, futuramente, apontam para uma investigação maior da dinâmica que é própria da cultura cearense em relação às outras regiões brasileiras. Compreender os elementos culturais que permeiam uma região, portanto, ajuda-nos a conhecer o ser humano em sua diversidade.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Cultura e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). Bauru, São Paulo: EDUSC. (Original publicado em 1997).
- Barros, L. (2008). *O Juazeiro de Padre Cícero: a terra da mãe de Deus*. Fortaleza: IMEPH.
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido* (E. Orth, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. (Original publicado em 1995).
- Cascudo, L. (2006). *Contos tradicionais do Brasil para jovens*. São Paulo: Global.
- Comte-Sponville, A. (2005). *A felicidade desesperadamente* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 2000).
- Fanini, M. (2010). As mulheres e a academia brasileira de letras. *História*, 29(1), 345-367, recuperado em 11 de dezembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100020&lng=pt&nrm=iso
- Frankl, V. (2007). *A presença ignorada de Deus* (W. Schlupp & H. Reinhold, Trads.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1948).

- Freire, J. (2008). Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 60(2), 02-09. Recuperado em 11 de dezembro, 2014, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v60n2/v60n2a02.pdf>
- Geertz, C. (1998). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* (V. Joscelyne, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1983).
- Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo: Centauro. (Original publicado em 1950).
- Lacerda, F. (2006). Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). *Revista Brasileira de História*, 26(51), 197-225. Recuperado em 11 de dezembro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/10.pdf>
- Mahfoud, M. (2001). Percorrendo as distâncias: memória e história. Em A. Hoffmann., J. Bueno. & M. Massimi (Orgs.). *Percorrer distâncias: um desafio para a razão humana* (pp. 53-64). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada; Campinas; Centro de Memória.
- Martins, K. (Org.). (2006). *Profetas da chuva*. Fortaleza: Tempo d'imagem.
- Massimi, M. (2006). Psicologia e cultura na perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*, 14(2), 177-187.
- Philadelfio, J. (2003). Literatura, indústria cultural e formação humana. *Cadernos de pesquisa*, 120, 203-219.
- Pinheiro, B. (2007). Sobre o mundo da quotidianidade em Alfred Schutz. Em M. Cantista (Org.). *Desenvolvimento da fenomenologia na contemporaneidade* (pp. 87-140). Porto: Campo das Letras.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.
- Queiroz, R. (2004). *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio. (Original publicado em 1930).
- Schutz, A. & Luckmann, T. (1973). *The structures of the life-world* (R. Zaner & H. Engelhardt, Trads.). Evanston, Illinois: Northwestern University Press. (Original publicado em 1932-1959).
- Schutz, A. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais* (R. Weiss, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1970).
- Vaz, H. (2000). *Escritos de filosofia – II*. São Paulo: Loyola.

Notas sobre os autores

Paulo Coelho Castelo Branco: Professor Adjunto I do Curso de Psicologia do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira. Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: paulocbbranco@gmail.com

Miguel Mahfoud: Professor Associado e Aposentado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro-fundador do Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade. Mestre e Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: mmahfoud@fafich.ufmg.br

Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento: Professora Ajunto IV do Departamento de Psicologia e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do núcleo de pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais. Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: fgian@uol.com.br

Recebido em: 02/08/2016.
Aprovado em: 19/11/2016.